

**BORGES, Jorge Luís. *História universal da infâmia*. Trad: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Cia das Letras, 2012.**

*Rafael de Lima Fonseca*<sup>1</sup>

Resenhar Jorge Luís Borges é como desenhar um dédalo, ou o seu próprio labirinto, ou como olhar para os olhos do tigre e não mais conseguir se soltar da penetrante imagem. O realismo mágico de Borges<sup>2</sup> – do Borges pós *Ficções e Aleph* – é um feitiço, um veneno. É comum aos leitores de Borges maravilharem-se com tamanha precisão de detalhes e discutir com as ideias dos contos na cabeça por dias. A leitura de Borges é o nosso Zahir. Quiçá essa pequena assertiva possa valer para toda sua obra literária, para todos seus ensaios e conferências publicadas.

Versarei, nessa resenha, apenas sobre a mais recente obra lançada na Biblioteca Borges, criada pela Companhia das Letras, em 2012, *A História Universal da Infâmia*. A atual edição é um projeto da Companhia das Letras em reeditar e relançar toda obra de Jorge Luís Borges. O projeto conhecido como Biblioteca Borges, lançado em 2001, já conta com vinte títulos relançados. É indelével a importância desse projeto, dada à importância literária do próprio autor e também permite aos novos leitores aproximarem e conhecerem mais a fantástica literatura argentina.

*A História Universal da Infâmia* é formada por nove contos. Sete deles são um esboço, um retrato fragmentado, de um ignominioso lendário; Encontramos também sob o título “Etecetera”, traduções de excertos fantásticos que Borges atribui a Burton, Swedenborg, d’*As mil e uma noites e quarenta dias e quarentas noites*. O livro inclui ainda “O homem da esquina rosada”, um presságio aos vários personagens que iriam se reconhecer noutro, no adversário, com faca em punho. A versão que temos em mãos (2012) é a revisada por Borges em 1954, acrescido de mais três traduções em “Etecetera” e um novo prólogo. No prólogo Borges compara o livro ao Barroco, definindo-o como “aquele estilo que, deliberadamente, esgota, ou quer

<sup>1</sup> Graduando do curso de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU).

<sup>2</sup> Cf. De acordo Angel Flores, a história universal da infâmia marcará o início dessa nova tendência literária em: FLORES, Angel. *Magical realism in spanish american fiction*. Hispania, Vol. 38, No. 2, maio, 1955, pp. 187-192. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/335812>. Acesso em: 01 de abril. 2012.

esgotar, suas possibilidades, e que faz fronteira com sua própria caricatura.”<sup>3</sup> Poderíamos afirmar que é uma tentativa de Borges em se afastar dos seus jogos de palavras da juventude. Por outro lado, acredito que esses esboços de figuras infames, traduções e do *compradito* com uma faca na mão são a porta de entrada para o mundo labiríntico de Borges. *História Universal da Infâmia* é um livro interessante nos seus detalhes, mas ainda não sendo um livro magnífico é uma obra indispensável para escarpamos ou adentramos mais afundo no nosso autor, já que escapar desse labirinto é quase impossível.

Poderíamos dizer que são os primeiros contos publicados por Borges. Ainda que após dez anos transcorridos com as publicações de ensaios e poesias. Ele próprio afirma que seu primeiro conto é “Pierre Menard, autor de Quixote”, publicado posteriormente na sua mais celebre obra *Jardins de Veredas que se bifurcam*. Classificar essa pequena obra como História seria uma afronta aos historiadores mais amordaçados a uma metodologia e narrativas próprias da profissão. Os contos que encontramos nesse livro são as brincadeiras fantásticas de um gênio da literatura contemporânea com os fatos históricos verossímeis. Com uma narrativa descontraída o livro nos leva a um Borges diferente.

Sobre a literatura fantástica, a qual pertence nosso resenhado, a dificuldade

<sup>3</sup> BORGES, Jorge Luís. *História universal da infâmia*. Trad: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Cia das Letras, 2012, p. 9.

em definirmos suas fronteiras é tamanha que beira a impossibilidade. O mais comum dos aspectos é o trato diferenciado para com a realidade. A aplicação de leis físicas, como a quântica, ao mundo aparentemente real, verossímil, possível. A distorção do tempo, seu acelerar e cessar, o rarear e a atenuação das identidades pessoais e coletivas. O Futuro, o passado e o enigmático presente são entrelaçados numa coerente realidade, que pode variar da virtualidade ao mais concreto dos ambientes. Borges, por sua vez, faz uso das teorias filosóficas levadas ao seu extremo. As filosofias idealistas de Berkeley e o ceticismo de Hume e Schopenhauer são constantes apercebidos em seus contos, ainda que indiretamente.

Temos em mãos uma obra fundamental para compreendermos um Borges mais lúcido do que o taciturno, o labiríntico e soturno que se apresentará ao mundo através de seus livros posteriores. Temos aqui a chave para adentrarmos a um realismo ainda pouco mágico, pouco místico. O realismo mágico seria a tentativa de agarrar-se ao real de tal forma, mas sem deixa-lo maçante, que as pitadas de sobrenatural e sonho adicionadas à extrema descrição de detalhes e a perspicácia do autor, além dos finais mirabolantes e inesperados, não deixam essa realidade como um conto de fadas<sup>4</sup>.

Nesse livro temos um Borges bem próximo de Chesterton e Stevenson (que ele próprio menciona em seu prólogo) e também de N. Hawthorne: deste, através da for-

<sup>4</sup> FLORES, Angel. op cit. p. 5.

ma como se constrói seus contos e também na necessidade de afirmar que a Infâmia é um ato singular e transformador. Não há pluralidade na história da infâmia. Sua particularidade se dá exatamente naquilo que o próprio Borges se refere a N. Hawthorne: “para ele talvez todos os homens sejam um só”. E Borges faz com que a Infâmia seja singular mesmo sendo apresentada por vários relatos, que vão das margens do Mississippi até as colinas gélidas do Japão. Sendo todos os homens um, a infâmia será a história de um homem só, contada sobre diferentes aspectos, diferentes circunstâncias, diferentes personagens.

É nesse labirinto no qual adentramos, cada vez mais em seus contos posteriores, esse crivo se assemelha mais ao deserto do Rei Persa, que somos obrigados a sair, a nos resignar diante de tão esplêndida obra. O labirinto de Borges não é sinuoso, tortuoso, lúgubre, tampouco Borges está à espera do seu redentor para que o tire dali. Seu dédalo é, na História Universal da Infâmia, um espelho estilhaçado. Dá a causa remota; depois, o homem; em seguida, o ato; doravante; o desfecho. E todo esse processo se repete nos contos espalhados nessas poucas 93 páginas. O leitor é obrigado a montar o labirinto e desvendar a Ignomínia que ali se coloca. Infâmia que muitas vezes se transforma em uma virtude, como narrado em “O incrível mestre de cerimônias katsuké no suké.” Uma lição que poderíamos aprender com Borges - nós os historiadores – versa sobre a estética de sua narrativa. A narrativa é uma arte, e como

tal exige um mínimo de técnica. Borges nos persuade, faz com que acreditemos nas circunstâncias, nas precisas descrições. Poderá ser a tradição clássica de postulação da realidade que percebemos nesse texto com nitidez, ou mesmo uma possibilidade de narração que deixaria suas marcas para as futuras narrativas historiográficas.

Em a *História Universal da Infâmia*, não há moralidade, uma narrativa descolada da verdadeira realidade dos fatos, um conto simples, direto por sua fragmentação e condição de que cada um dos seus fragmentos dê conta de descrever toda a realidade ali planejada. Apesar de separadas por títulos e subtítulos, as histórias de Billy The Kid, Katsuké no Suké, Hakim de Merv, são uma só. Entrelaçam-se na finalidade que é a Infâmia. Borges dissera uma vez que quando criança abria um livro maravilhado ao ver que as letras não se misturaram na noite anterior, que elas permaneciam fieis a sua finalidade, ao seu papel. Podemos escrever que é nesse pequeno livro no qual Borges brinca com essa imaginação de criança, quando trocar os nomes e os lugares dos personagens não faria diferença alguma. Estariam sempre a cometer a mesma infâmia, pois não é o meio que os produz, nem eles a si próprios. É algo mais místico, mais inexplicável, um ímpeto que nos escapa.

**Referências bibliográficas**

BORGES, Jorge Luís. *História universal da infâmia*. Trad: Davi Arrigucci Jr. São Paulo: Cia das Letras, 2012.

FLORES, Angel. *Magical realism in spanish american fiction*. *Hispania*, Vol. 38, No. 2, maio, 1955, pp. 187-192. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/335812>. Acesso em: 01 de Abril. 2012.